

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Folha de São Paulo

Class.: 535

Data 24 de maio de 1981

Pg.: _____

Teatro Infantil/Crítica

“Piuí”, festa de bom gosto

TATIANA BELINKY

Para um texto premiado, uma equipe profissional de um gabarito que faria honra a qualquer espetáculo “adulto”: “A Lenda do Piuí” está bem servida, tanto na parte técnica como na interpretação. Direção (com a marca de Roberto Lage), cenografia, figurino, música, iluminação, adereços e objetos de cena e, last but not least, o elenco — tudo está a cargo de profissionais competentes e conscienciosos, numa montagem que faz justiça à inteligência e à sensibilidade do jovem espectador.

A peça, como o nome indica, é uma lenda de índios. E os índios que estão em cena se colocam a léguas de distância dos “índios” caricatos e falsificados que costumam aparecer em peças “infantis” (ou no duvidoso humorismo da TV). O espetáculo, dentro do seu contexto lúdico, divertido sem didatismo, oferece muita informação verdadeira sobre os indígenas brasileiros, seu aspecto, seus trajes, enfeites, costumes, crenças e comportamentos. Tudo muito bem pesquisado e bonito. É animado, dinâmico, movimentado, com sons, gritos, nomes, danças, ritmos e objetos autênticos. É muita graça, muito humor em tudo, nos movimentos, gestos, falas. O índio jamais é caricaturado: a crítica bem-humorada que existe, e muito, na história, visa ao homem branco e ao lado negativo da sua civilização consumista e antilecológica. E o confronto de culturas, o indiozinho em contato com os “brancos” da cidade, resulta em boas gargalhadas.

Quanto ao enredo, bem, “lenda é lenda, não é verdade nem mentira”, como diz “Maracanã”, o personagem “Quase um velho xamã” — e quase um palhaço — que apresenta, explica e liga as diversas sequências. Trata-se da aventura do pequeno índio, filho do cacique de uma tribo do Xingu, que ganha o nome de Piuí por causa do apito (“piuí, piuí”) de um trem que passava ao longe, bufando e sacudindo o chão, quando o “indiozinho” estava nascendo. Quando cresce um pouco, Piuí resolve ir procurar o seu “padroeiro” — que por sinal corta em dois, na hora do perigo, a Jacunaun, bicho grande que come a lua. E acaba indo parar na cidade, entra em contato com a, para ele, absurda civilização do homem branco, passa por toda sorte de peripécias hilariantes e volta para o tribo, para relatar o que viu.

O espetáculo é uma beleza e uma festa, de indiscutível bom gosto e de um cuidado e



“A Lenda do Piuí”, no Marla Della Costa.

acabamento de produção pouco usuais no gênero. E há atuações marcantes: o experiente Walter Breda num ótimo “Maracanã” e o garoto Ulisses Bezerra, excelente no papel-título (esses dois com a melhor dicção e emissão de voz do elenco). Destaca-se também o trabalho de Chiquinho Brandão, de extraordinário “humor corporal” no “Marimbondo” e outros personagens. E todos os atores e atrizes estão bem entrosados, numa atuação harmoniosa e afinada, os “índios” todos muito à vontade na sua quase-nudez natural e bem-humorada (e com todo o “physique du rôle” necessário).

Na verdade, o espetáculo seria perfeito, se não fosse a dicção de alguns dos atores que, nas falas muitas vezes bem rápidas, prejudica o entendimento de partes do (abundante) texto.

De qualquer forma, “A Lenda do Piuí” é um espetáculo obrigatório, de alto nível, bom para toda a família, mas especialmente adequado para pré-adolescentes e adolescentes, recomendável para grupos, em especial escolas, pelo que traz de qualidade artística, informação e divertimento.

A LENDA DO PIUI — de Sêrvulo Augusto e José Rubens Chassereaux — Dir. de Roberto Lage — Cen. e Fig. Augusto Francisco — Coreogr. Ana Mota — Dir. Mus. Wanderley Martins — Ilum. Abel Kopansky — Com Walter Breda, Ulisses Bezerra, Andréa Leão, Chiquinho Brandão, Ana Maria Braga, Cacá Amaral, Zé Carlos Machado, Nelson Escobar — No Teatro Maria Della Costa, Rua Dr. Vila Nova, 245 — Sab. 16 horas e dom. 10h30 e 15h30.